

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ALLAN DWAN

12 e 15 de Fevereiro de 2022

### MAN TO MAN / 1930

*Um filme de Allan Dwan*

Realização: Allan Dwan / Argumento: Joseph Jackson, baseado numa história de Ben Ames Williams / Direcção de Fotografia: Ira H. Morgan / Guarda-Roupa: Earl Luick / Música: Erno Rapee / Som: C.A. Riggs / Montagem: George Marks / Interpretação: Phillips Holmes (Michael Bolton), Grant Mitchell (John Martin Bolton, o pai de Michael), Lucille Powers (Emily Saunders), Otis Harlan (Rip Henry), Dwight Frye (Vint Glade), Russell Simpson (tio Cal), George Marion (Jim McCord), Paul Nicholson (Ryan), Robert Emmett O'Connor (xerife), John Larkin (Bildad), etc.

Produção: Warner Bros / Produtor Executivo: Sol M. Wurtzel / Cópia: 16mm, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 68 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

NOTA: sensivelmente a meio do filme, há um trecho de alguns segundos sem som nem imagem. Deveria corresponder ao ponto em que as projecções seriam interrompidas para intervalo. Vamos manter esses 30 segundos na projecção de hoje, uma vez que não podem ser evitados sem danificar a cópia – algo que, evidentemente, de todo não queremos nem devemos fazer.

\*\*\*

A primeira metade dos anos 1930 está entre os anos menos activos de Allan Dwan. Em 1930, 1931, 1934 e 1935, estreou apenas dois filmes em cada ano, e no ano de 1933 apenas um. Menos produtivo, desde os começos em 1911, só tinha sido o ano de 1928, em que Dwan estreou apenas um filme, **The Big Noise**, escassez justificada pelo trabalho de preparação de um grande projecto como **The Iron Mask** (estreado no ano seguinte). Dobrada a metade da década de 1930, só muito pontualmente – e já nas décadas de 1940 – Dwan produziria tão pouco, de 1936 em diante a norma rapidamente se fixou entre três e quatro filmes por ano.

Se começamos esta folha com um parágrafo como o que ficou acima não o fazemos forçosamente por falta de assunto ou por vontade de picuinhar contabilística. Mas para voltar a frisar a que ponto a chegada do sonoro deu uma grande volta ao modo de funcionar de Hollywood, e como essa grande volta desestabilizou completamente dezenas ou centenas de carreiras, entre as quais a do nosso cineasta. Se não, faça o espectador o exercício mental se pôr na pele de Allan Dwan, e imaginar que num ano, 1929, estava a dirigir um grande épico como **The Iron Mask**, com as maiores vedetas e todos os recursos possíveis e imaginários à disposição, e no seguinte, 1930, está a dirigir, entre quatro paredes, um filme tão *pequeno* como **Man to Man** – não porque tivesse uma irreprimível vontade de o fazer, mas porque era o trabalho que os estúdios tinham para lhe oferecer. Não custa compreender a depressão de Dwan, que o levou, pouco tempo depois, a deixar Hollywood para um voluntário exílio de dois anos na Grã-Bretanha.

**Man to Man** foi, assim, um dos primeiros “talkies” de Dwan, e, de entre os filmes que mostrámos neste Ciclo, o “talkie” mais antigo. É impressionante como tudo pára: o movimento imparável, contínuo, de **The Iron Mask** dá aqui lugar a um filme onde tudo se mexe muito pouco, da câmara

aos actores (Bogdanovich chamou-lhe justamente isso, um filme “estático”). Sabemos bem que, em grande parte, isso tinha a ver com a técnica ainda incipiente de gravação do som directo – nada se podia mexer muito, nem as câmaras nem os actores, se se queria ter diálogos minimamente límpidos e audíveis. Mas Dwan até parece exagerar, levar essa condicionante técnica para o terreno da opção estética, quase como se quisesse *provar* (como ele próprio, e tantos realizadores formados no mudo, pensaram na época) que o som não era um progresso na “linguagem cinematográfica” mas exactamente o contrário, um retrocesso. Repare-se como, em tantas cenas, tudo pára, literalmente, para que os actores falem, quase sempre em grande plano – quer dizer, em interrupção do fluxo da *découpage*, como se o cinema tivesse que parar para se ouvirem os discursos das personagens. E repare-se também, no máximo e mais criativo partido expressivo que Dwan tira de momentos “mudos” (como a cena, logo no princípio, em que Phillips Holmes, através da janela do comboio, vê os dois namorados no carro à beira da linha férrea), e em como eles são tão poucos. Repare-se ainda, e finalmente, em como esta “má vontade” de Dwan acaba por ser amplificada (e transportada, ainda que ele não pensasse certamente nisso, e talvez nem tivesse a palavra final a dizer sobre o assunto, para um terreno próximo da modernidade) pela escassez de música na banda sonora, o que significa que em grande parte do filme estamos num silêncio que funciona como “eco”, e se torna quase desconfortável. Repare-se, finalmente, na sequência crucial do desenlace, inteiramente fundada não naquilo que o espectador vê, mas naquilo que as personagens viram, e, *oralmente*, relatam, para que o espectador *ouça*. Até pode não ser propositado, e mais do que provavelmente não o é, mas **Man to Man** anuncia a época sonora como o primado do discurso sobre a acção, da audição sobre a visão.

Em todo o caso, esta soturnidade formal transmite-se ao tratamento narrativo, e a esta história invulgarmente grave de um amor entre pai e filho maculado por um sentimento de vergonha social. A dignidade de Grant Mitchell – o pai – é incrível, e parece evidente desde o primeiro momento em que aparece (o plano no comboio, quando está a voltar a casa depois de 18 anos na prisão) que é com ele que a simpatia de um humanista como Dwan está; e não com o seu filho, coqueluche do atletismo universitário, que não aguenta o vexame de se tornar pública a notícia de que o seu pai é um assassino. Phillips Holmes, de resto, é exímio a encarnar essa espécie de fraqueza (de vontade, em primeiro lugar), num papel que o aproxima da que é a sua mais genial e inesquecível performance (no **Broken Lullaby** de Ernst Lubitsch, dois anos depois) – nunca sabemos se é mais forte o impulso de nos condoermos com a sua angústia ou o de lhe darmos um safanão (mas depois lembramo-nos de que ele morreu em 1942 com apenas 34 anos e esse aspecto se incorporou na sua persona cinematográfica de uma forma rara mesmo entre outros actores de morte jovem – nem James Dean se comporta nos filmes como alguém que vai morrer novo, mas Phillips Holmes, sim, tem sempre o olhar de um condenado).

Enfim, e resumindo: seria insensato pôr **Man to Man** entre os melhores Dwans, mas parece extremamente lógico pô-lo como um dos melhores exemplos do modo como, para Dwan, o ofício de artesão era uma arte da subversão.

Luís Miguel Oliveira